

ESTREMADURA ARQUEOLÓGICA

I Jornadas de Património
e Arqueologia
do Litoral Centro
Porto de Mós
Maio | Junho de 2001

ACTAS



Oikos - Associação de Defesa do Ambiente e
do Património da Região de Leiria



Ficha técnica

Coordenação:
António Jorge Ferreira Figueiredo

Design:
João Neto
Norberto Afonso

Edição:
OIKOS - Associação de Defesa do Ambiente e do Património da Região de Leiria
Pelouro da Cultura, Câmara Municipal de Porto de Mós

Impressão:
Gráfica da Batalha, Lda.

Depósito Legal:
220859/04

*Jorge Manuel de Assunção ANTÓNIO**
*Maria Manuela dos Santos PEREIRA***

Intervenção Arqueológica no Castelo de Alcobça - Estado actual dos conhecimentos e objectivos

Introdução

A intervenção arqueológica a efectuar no Castelo de Alcobça enquadra-se no âmbito de um P.N.T.A. apresentado ao I.P.A. em 2000. Tem uma duração prevista de quatro anos, a iniciar no Verão de 2002 e contará com o apoio material e financeiro da Câmara Municipal de Alcobça.

A equipa deste projecto é constituída por Jorge António (direcção de escavação), Manuela Pereira (co-direcção), Dr. Cláudio Torres (consultor científico na área da Arqueologia), Dr.^a Maria Augusta Trindade Ferreira (consultora científica na área da História), Emanuel Carvalho (topógrafo) e Teresa Julião (desenhadora).

Enquadramento natural e administrativo

O Castelo de Alcobça¹ é uma fortificação localizada num morro sobranceiro à cidade, a uma cota máxima de 73m de altura, na margem esquerda do rio Baça e a poucos metros da Praça 25 de Abril (antigo Rossio). Pertence à Freguesia de Alcobça e tem acesso pela Avenida Maria e Oliveira.²

A cidade de Alcobça é sede de um município com cerca de 400 Km² e possui dezoito freguesias. Localiza-se na confluência dos rios Alcoa e Baça, a Oeste do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e a Sudoeste da capital de distrito, Leiria.

* Câmara Municipal de Alter do Chão.

** Câmara Municipal de Montemor -O-Novo.

¹ I.I.P., Dec. n.º 95/78, D.R. 210 de 12 de Setembro de 1978.

² Vide: Planta - I.

Estado actual dos conhecimentos História do Castelo de Alcobaça

As Origens – Teses

Maximiano de Lemos e Pinheiro Chagas, entre outros, defendem que a origem do Castelo de Alcobaça remontará às ruínas de uma fortificação visigótica dos sécs. VI ou VII e reedificado ou ampliado pelos árabes em 716.³

Para Frei António Brandão e Vieira Natividade o Castelo é uma construção árabe, conquistada por D. Afonso Henriques em 1148 e reconstruída pelos frades cistercienses.⁴

Por seu lado Saúl Gomes, Frei Fortunato de S. Boaventura e Frei Manuel dos Santos, atribuem ao Castelo uma fundação cristã, edificado a mando de D. Sancho I, no qual terá guardado parte do erário régio, à semelhança do que terá feito no Castelo de Leiria, para servir de defesa aos monges cistercienses.⁵ Em 1195, após a incursão Almóada⁶ efectuada pelo “*miramolim*”,⁷ que terá chegado a Coimbra, terão sido mortos alguns monges que se encontrariam na altura a construir o Mosteiro de Alcobaça.

Síntese Histórica

D. João de Ornellas, Abade de Alcobaça, manda construir em 1369 uma segunda barbacã para reforço do Castelo.

Em 1422 o Castelo é seriamente danificado por um abalo sísmico, sendo restaurado em 1424.

Durante o abacialato de D. Frei Gonçalo Ferreira, em 1456, é refeita a Torre de Menagem tomando a fortaleza um carácter mais habitacional.

Em 1487, Frei Pedro Serrano, de visita a Alcobaça, refere que *o castelo, (...) necessita de muitos reparos pelo que determinamos e mandamos que se proceda à sua reparação.*⁸

³ **LEMOS**, Maximiano de – *Enciclopédia Ilustrada*, Vol. I, p. 162; **CHAGAS**, Pinheiro – *Dicionário Popular*, p. 9; **PEREIRA**, Esteves e **RODRIGUES**, Guilherme – *Dicionário de Portugal*, p. 162; **LEAL**, Pinho – *Dicionário de Portugal Antigo e Moderno*, p. 72.

⁴ **BRANDÃO**, Frei António – *Monarchia Lusitana*, Livro X, Cap. XXIV, folha 185; **NATIVIDADE**, Vieira (1885) – *O Mosteiro de Alcobaça*, Coimbra, p. 10.

⁵ Segundo o testamento de D. Sancho I, Outubro de 1210 (documentos de D. Sancho I, n.º 194); **BOAVENTURA** Frei Fortunato de S. – *História Chronica e Crítica da Real Abadia d’Alcobaça*, p. 32; **SANTOS**, Frei Manuel dos – *Alcobaça Ilustrada*.

⁶ Dinastia berbere (1130-1269) fundada pelo profeta Mohamed ibn Tumart.

⁷ Ou miralmuminim, califa ou chefe dos crentes entre os muçulmanos (amir al-muminim).

⁸ Visitação de Frei Pedro Serrano.

Segundo Frei Manuel dos Santos, até ao séc. XVI, os Abades Perpétuos tinham habitações no interior do Castelo e que possuíam outras, de recreação, sobre o mar no Castelo de Alfeizerão.

Em 1528 há novos arranjos no Castelo, cujos custos ascenderam aos 200 mil réis.⁹

Em 1619, Filipe II, durante a sua única vinda a Portugal, altura em que convocou Cortes em Lisboa, manda que sejam recolhidos no Castelo apenas os presos acusados de crimes graves e que sejam providos pelas Misericórdias dos respectivos coutos.

O Padre Luís Cardoso, na segunda metade do séc. XVIII, refere que face à ruína provocada pelo terramoto de 1755 *não pode ser habitado de pessoa alguma e assim se acha a dita Vila sem cadeia*.¹⁰

No séc. XIX, a Câmara Municipal de Alcobça delibera a desmontagem do património arquitectónico edificado, face à forte procura de pedra para construção que se fazia sentir. Esta política, sintomática da ideia de inutilidade do património, levou, não só à desmontagem do Castelo entre 1838 e 1855, como também à desmontagem do Pelourinho da Vila em 1866, do de S. Martinho e Évora de Alcobça em 1875, apesar da forte contestação.¹¹

Tornado património inútil, haveria que reutilizá-lo, e como tal, assistiu-se à venda de pedra, cantaria e outros materiais nobres. O próprio Castelo terá sido rentabilizado em milhares de carradas de pedra. Em 1855, o Fiscal Municipal recomenda a suspensão da demolição, uma vez atingidas as fundações do monumento, sem que se verifique primeiro se tal "causa prejuízo público".¹²

Para além do Castelo de Alcobça existe um outro Castelo no concelho, o de Alfeizerão,¹³ que também foi alvo desta procura de pedra. Foi totalmente arrasado, existindo apenas actualmente um pequeno troço da parte inferior de um pano de muralha, ligando dois cubelos de planta semicircular, onde num deles está implantado um Marco Geodésico.

Ao contrário do Castelo de Alfeizerão, do qual hoje praticamente nada existe, o de Alcobça, em 1956, foi não só desaterrado por um "bulldozer", como também alvo de obras de limpeza, incluindo os caminhos de acesso, sendo também parcialmente reconstruído. Todas estas medidas, desenvolvidas sob a iniciativa da Câmara Municipal e da Direcção Geral dos

⁹ ANTT, Corp. Cron. 1.ª parte, M45, Doc. 32.

¹⁰ ANTT, Dicionário Geográfico, M5, p. 19.

¹¹ VILLA NOVA, Bernardo (1940) — Alcobça através do Arquivo da sua Câmara Municipal (1836-1902), Câmara Municipal de Alcobça.

¹² Actas da Câmara Municipal de Alcobça (1838-1855).

¹³ I.I.P., Desp. 9 de Dezembro de 1974.

Monumentos Nacionais, visaram a preparação da visita da rainha Isabel II de Inglaterra a Alcobaça em 1957.

Desde então, as únicas medidas desenvolvidas no local consistiram simplesmente na iluminação do monumento, actualmente vandalizada e desactivada, e no corte da vegetação pelos serviços camarários.

O rigoroso Inverno de 2000/2001 provocou pequenos desmoronamentos no lado Noroeste.

O Complexo Arquitectónico

A Torre Albarrã

A Torre Albarrã,¹⁴ também designada de “Torre dos Sete Sobrados”, localiza-se a Noroeste, entre a Barbacã e o Castelo.

Apresenta planta quadrangular e uma área interna de cerca de 40 m².

Foi construída com silhares de grandes dimensões e terá atingido uma altura considerável, a julgar pelas inúmeras representações artísticas¹⁵ que dela se fizeram. Possuiria um fosso e encontra-se ligeiramente desalinhada do Castelo, ao qual estaria ligada por uma poterna.¹⁶

Terá sido a primeira estrutura edificada no local, um posto isolado de vigia e de controlo. Durante o período cristão, já como parte integrante do Castelo, assume o papel de cárcere até ao terramoto de 1755.

O Castelo

O Castelo,¹⁷ com uma orientação Noroeste/Sudeste, possui uma planta rectangular e ocupa uma área de cerca de 800 m². Tem sete cubelos quadrangulares, quatro a Nordeste e três a Sudoeste, e a Sudeste um torreão rectangular de maiores dimensões e mais saliente virado para o Mosteiro.¹⁸

O Castelo e a Torre Albarrã encontram-se implantados numa fundação geológica sólida e estável, constituída por estratos de grés (arenitos). A disposição arquitectónica e construtiva, com inúmeros cunhais, direcções ortogonais e travamentos revelam uma estabilidade estrutural à semelhança da Torre Albarrã.¹⁹

¹⁴ Vide: Foto – II.

¹⁵ Vide: Gravura – I.

¹⁶ Passadiço.

¹⁷ Vide: Foto – I.

¹⁸ Vide: Plantas – I e II.

¹⁹ TAVARES, J. Pedro Duarte (2001) – Câmara Municipal de Alcobaça. Castelo de Alcobaça. Relatório Técnico de Engenharia Civil, relacionado com as Escavações Arqueológicas que a Câmara Municipal deseja realizar, pp. 5, 6 e 8.

No canto Sudoeste são visíveis alguns muros que parecem formar compartimentos. Possivelmente as habitações dos abades de Cister e/ou dos alcaides. Além destas estruturas, existe também uma cisterna no interior do Castelo, cujo acesso se faz por uma pequena entrada no lado Norte. Esta cisterna possui uma planta rectangular e tecto em dupla abóbada com uma coluna central. Encontra-se actualmente abandonada, um pouco degradada e vandalizada.

A Barbacã

A Barbacã²⁰ do Castelo de Alcobaça, mandada construir em 1369 pelo abade D. João de Ornellas, e cujo acesso se fazia por Sudeste, apresentava planta oval,²¹ quatro cubelos localizados na extremidade Oeste, dois dos quais de planta semicircular, um de planta rectangular virado a Sul e ainda outro, o único que ainda se conserva, no lado Norte, de planta quadrada.²² A concentração de cubelos a Noroeste deve-se ao acentuado declive do terreno, que dificulta a defesa do Castelo perante uma eventual transposição da cortina da muralha.

A Barbacã, contornando aparentemente a colina, não apresenta nem a solidez da fundação nem o travamento de cintagem das outras duas estruturas. Pedro Tavares refere que o seu desmantelamento terá sido iniciado mesmo antes da deliberação camarária do séc. XIX, e que a pedra poderá ter sido reutilizada para arranjos do próprio Castelo.²³

Objectivos do projecto

Identificação de Períodos Crono-Culturais em Presença

O Castelo de Alcobaça foi edificado numa pequena colina cujo enquadramento natural (sobranceira ao rio Baça e de grande visibilidade), leva-nos a supor a existência de ocupação pré-histórica, nomeadamente, Calcolítica.

Apesar de não existirem estruturas visíveis de origem visigoda no Castelo, a sua presença está bem presente na região. Atesta-o a Capela de S. Gião, perto do antigo porto da Pederneira. Resta saber se a presença visigoda

²⁰ Muro ameado mais baixo do que as muralhas, servindo para sua defesa e das portas de entrada do castelo.

²¹ Vide: Planta – I; Foto – III.

²² Vide: Foto – IV; Planta – I.

²³ TAVARES, J. Pedro Duarte, p. 5 e 8 (obra citada).

existe de facto sob as actuais estruturas do Castelo e se a estratigrafia vai permitir recolher alguma cultura material associada.

Quanto à presença árabe é sabido que é muito mal conhecida na região de Alcobaça. Este enorme vazio, que urge averiguar, resulta do facto de não existirem escavações em sítios arqueológicos com ocupação islâmica. Contudo, a presença árabe encontra-se bem patente na toponímia do concelho, nomeadamente, nas localidades de Alfeizerão e Alvorninho. A recolha de cultura material islâmica no Castelo seria, sem dúvida, um bom ponto de partida para o estudo das cerâmicas islâmicas na região de Alcobaça.

Determinação da Fundação do Castelo

O Castelo de Alcobaça é constituído por três estruturas distintas: a Barbacã, a Torre Albarrã e o Castelo propriamente dito.

Segundo as fontes a barbacã foi construída em 1369, a mando do abade D. João de Ornellas.

Quanto à Torre Albarrã e ao Castelo, a controvérsia das fontes e a inexistência de escavações no local, não permitem, até à data, a atribuição de uma cronologia segura.

Além das construções árabes e cristãs, não há vestígios da presença visigoda no local. Contudo, não a colocamos totalmente de parte na medida em que as fontes históricas referem a sua possível existência.

Recuperação do Traçado das Barbacãs

Segundo as fontes, o Abade D. João de Ornellas terá edificado uma segunda Barbacã em 1369. Da primeira nada se sabe mas da segunda, a actual, ainda se conservam actualmente dois troços. Desconhecendo se a segunda barbacã se sobrepôs à primeira, pretende-se recuperar o traçado destas e localizar as respectivas portas de acesso.

Organização do Espaço Interno

Incertas relativamente à residência do alcaide, as fontes históricas garantem a existência de habitações dos abades de Cister no Castelo de Alcobaça. No entanto, desconhece-se a forma como todo o espaço interno estava organizado, que habitações e que estrutura de apoio teria.

A cisterna existente no interior do Castelo foi aproveitada, na primeira metade do séc. XX, para depósito de distribuição de água potável da então Vila de Alcobaça.²⁴ Embora se desconheça a data exacta da sua construção, a estrutura original pode remontar à data da fundação do Castelo.

Registo das Fases de Destruição, Reconstrução e Desmontagem

Ao longo da sua história o Castelo de Alcobaça sofreu inúmeros impactos estruturais, em resultado de sucessivas destruições causadas por sismos que abalaram a região, restauros, desmontagem do aparelho de construção e, por fim, uma reconstrução parcial ocorrida em 1956.

Enquadramento na Rede de Fortificações da Região

Na região de Alcobaça existe um conjunto de pequenas torres, das quais se destacam as torres de Famalicão (Casal do Mota), de Pederneira (Ponte da Barca) e de D. Framondo (Quinta do Castelo), que fariam parte de um sistema de defesa, controlo e vigia.

Resta-nos saber se a Torre Albarrã do Castelo de Alcobaça faria parte e de que forma se enquadrava nesta rede de pequenas fortificações.

Estudo Zooarqueológico e Carpológico

A recolha de restos alimentares (animais e sementes) em silos e lixeiras será determinante para o estudo dos hábitos alimentares de quem ali viveu.

Este estudo permitirá estabelecer uma estimativa da sua natureza, diversidade, volume/quantidade, grau de conservação, grau de contemporaneidade dos micro/macro restos vegetais e animais, a relação contextual com as estruturas e com a paisagem/território envolvente ou regional.

²⁴ VILLA NOVA, Bernardo (1941) – O Progresso Urbano da Vila de Alcobaça. Algumas outras notas, pp. 21-22.

Levantamento Topográfico

A intervenção arqueológica a efectuar no Castelo de Alcobaça irá culminar num novo e actualizado levantamento topográfico.

Considerações finais

O Castelo de Alcobaça, fortificação cujas origens poderão remontar ao período visigodo, foi depósito do erário régio, prisão, habitação e refúgio dos abades de Cister, e, porventura, também residência dos alcaides.

Actualmente encontra-se numa situação de abandono, sujeito à ruína, ao vandalismo e ao saque. Apesar da sua imponência e com uma vista panorâmica sobre a cidade, encontra-se completamente ausente de qualquer brochura de carácter turístico.

A situação de abandono, a contradição de algumas fontes históricas e a inexistência de escavações, precipitam o Castelo de Alcobaça para a emergência de uma intervenção arqueológica no local. A arqueologia assume através deste projecto, um papel fundamental na recuperação da história do Castelo que a controvérsia das fontes tem ofuscado.

Porto de Mós , 31 de maio de 2001

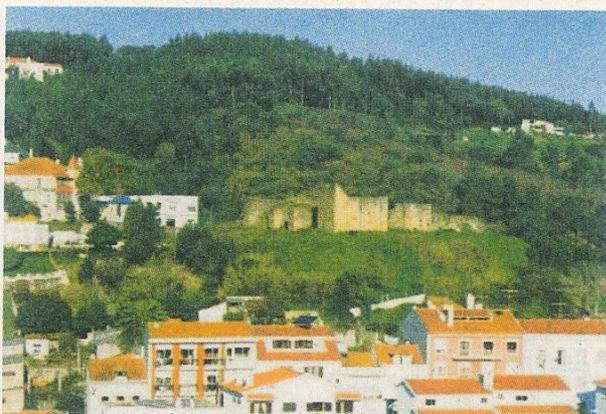


Foto I – Castelo de Alcobaça (vista geral, a partir do Mosteiro Cisterciense).



Foto II – Torre Albarrã (lado Norte).



Foto III – Troço Norte da Barbacã (lado interior).

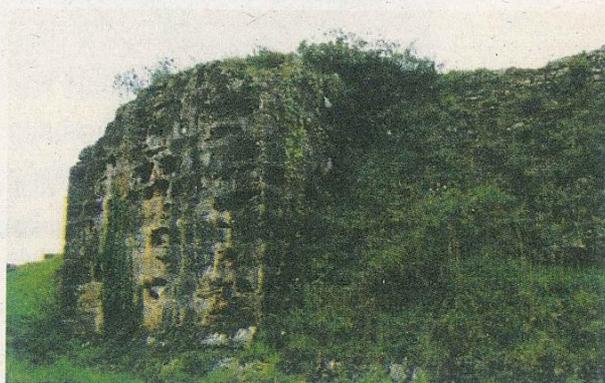
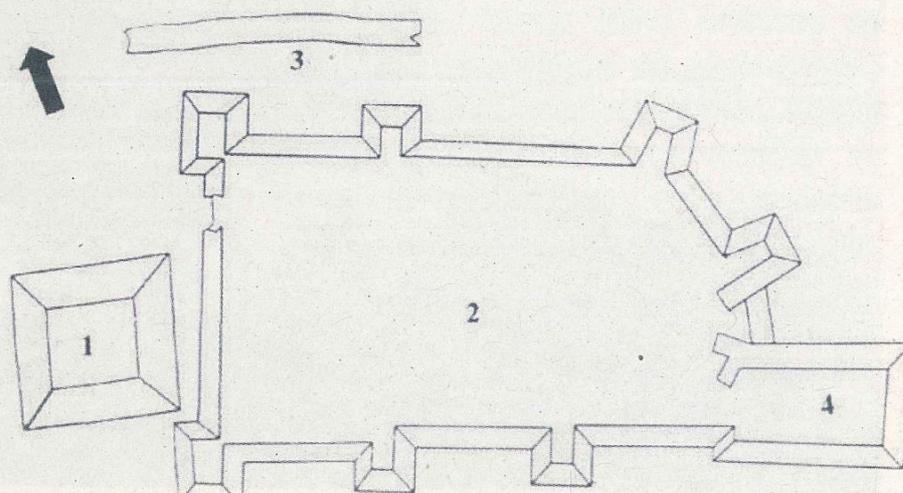


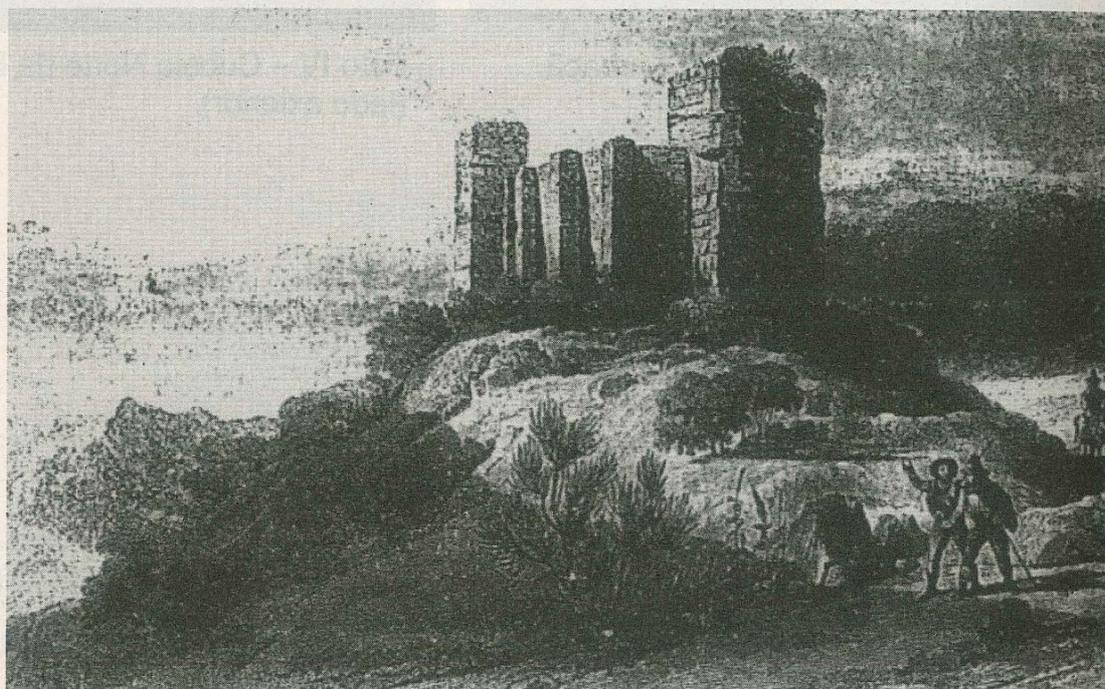
Foto IV – Cubelo Norte da Barbacã (lado exterior).



Planta I – Planta Geral do Castelo (1 – Torre Albarrã; 2 – Castelo; 3 – Troço Norte da Barbacã; 4 – Grande Torreão virado para o Mosteiro), Escala: 1/500, 1991.



Planta II – “Planta da Villa de Alcobaca” – “Copiada por António Cazemiro Terreira, Tenente do Exército em anno de 1826”, Sem Escala.



Gravura I – Castelo de Alcobaca – Gravura francesa (desenho de J. Taylor, 1826).